

# A Entrevista

Sem santo nem senha

FOR JOAQUIM LEITÃO



**EX.ª SR.ª D. JULIA MARIA DE BRITO E CUNHA**  
presa, pela segunda vez, por ocasião dos acontecimentos de 21 de Outubro de 1913

**N.º 8 — Numero avulso 60 reis — 31 - XII - 1913**

NÃO SE ACEITAM ASSIGNATURAS

**Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reprodução reservados

# A ENTREVISTA

## *Numeros publicados :*

**Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO, em que o antigo ministro e heroe d'Africa conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespersas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital.

**Numero 2.** — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.

**Numero 3.** — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE — Primeiras impressões — Sob um aspecto brusco uma pessoa finissima e um elegante conversador — O Conde de Mangualde no combate de Chaves — Um bravo — Morrendo todos os artilheiros, o Conde de Mangualde vae debaixo de fogo para uma peça — A noticia da prisão do Conde de Mangualde impressiona profundamente todos os emigrados — Imprevisto lance — Os seus presentimentos, etc., etc.

**Numero 4.** — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.

**Numero 5.** — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA — Um republicano historico exilado sob a Republica — O partido republicano e o dr. Cunha e Costa — Collaboração de Cunha e Costa na legislação republicana do Governo Provisorio — O antigo propagandista republicano desenganado da viabilidade da republica portugueza — A sua fuga de Lisboa — Declaração da sua actual indiferença pelas formas de regimen — O que vae fazer agora o dr. Cunha e Costa — As suas previsões sobre a politica portugueza — Portugal não morre — A restauração da monarchia é inevitavel como dos males o menor, affirma-o o antigo e historico republicano sr. dr. Cunha e Costa.

**Numero 6.** — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde — Ferreira de Mesquita na Galliza e no Exilio — A sua caderneta militar — Um cadête com batalhas na sua folha de serviços — Como um rapaz troca Paris pela cadeia — Como foram presos o Conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreira de Mesquita — A versão exacta dos factos narrados por Ferreira de Mesquita — O seu depoimento sobre o combate de Chaves — Uma carta commoventissima de Paiva Couceiro.

**Numero 7.** — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O levantamento de Cabeceiras de Bastos em Julho de 1912 — A guerrilha do Padre Domingos — O aviso de Couceiro para o levantamento — A madrugada de 6 de Julho em Cabeceiras — A morte do administrador de Cabeceiras — O combate com forças de infantaria 18 — Nas serras — A cavallaria e a artilharia mandadas contra a guerrilha — A casa do guerrilheiro destruida a fogo — Encontro do Padre Domingos com Paiva Couceiro.



Julia Maria

# A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 8

31-12-1913

## O NATAL DOS VENCIDOS

Porque empregamos este numero em descrever, n'uma entrevista com uma illustre Senhora Portugueza, a enternecedora e ignorada biographia da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Julia Maria de Brito e Cunha.

Uma pagina immortal de Balsac que a historia da Republica Portugueza accrescentou.

Ha quatro annos, a França instituiu um premio annual de mil francos chamado o premio da « Critica », para o escriptor, com menos de trinta annos de idade, auctor de uma obra litteraria, não romanesca. Este anno, o premio da « Critica » foi distinguir Henri Clouard, o brilhante e lucido auctor das *Disciplinas*, e da *Cocarde de Barrès*.

Henri Clouard tem 28 annos, e, portanto, uma obra pouco numerosa. Em compensação, bella compensação! os seus tres ou quatro volumes, subordinados á sua orientação de « consciente monarchico », são os pilares d'um esplendido arco triumphal que, completo, lhe nimbará o nome de gloria.

Pois, este mesmo Henri Clouard, premiado da « Critica » de 1913, esco-

lheu, d'entre a vasta obra de Balsac, as paginas sociaes e politicas que, para muitos, apresentam, além de *mais uma prova do que ha de bom senso no genio*, a exquisita novidade de esse Balsac, que me foi preleccionado na minha adolescencia por um veterano democrata, ser um realista *pela experiencia e a reflexão*.

D'esse escól, compilado por Clouard, transcrevemos e traduzimos este trecho, destacado das paginas do *Départ*, de Balsac :

« Vêdes aquelle navio de guerra alli ancorado?... O céu está azul, o mar brilhante; o porto é forrado de granito, são de granito as fortificações, a luz recorta nitidamente os fortes de granito e o porto de Cherbourg.

« Ha alguns signaes de tristeza em

torno de vós?... Não. Pois bem! Vae passar o mais antigo dos monarchas. Misturêmo-nos com a multidão que se comprime no porto, e assistâmos a este terrivel enterro.

« Ah! vem o rei!... »

« Foi um surdo clamor irresistivel, sahido de todos os labios, assim que appareceu Carlos x. A multidão não poderia exprimir melhor a sua dôr! E', na verdade, o ultimo rei de França; depois d'elle, talvez haja um rei dos Francezes; este é o rei de Deus, o rei legitimo, o rei como deve ser um rei, proprietario do seu throno, como vós sois proprietarios da vossa fortuna, porque ha, entre este rei e a vossa fortuna, invisiveis relações, uma ligação intima de que vos heis de aperceber um dia.

« N'este momento, este velho de cabellos brancos, envolto n'uma idéa, victima da sua idéa, fiel á sua idéa, e de quem nem vós nem eu podêmos dizer se foi imprudente ou avisado, mas que toda a gente julga no ardor do presente, sem se collocar a dez passos na frieza do futuro; este velho parece-nos pobre: ah! elle leva comsigo a fortuna da França; e por este passo fatal, dado da margem para o navio, vós pagareis mais lagrimas e dinheiro, vereis mais desolação do que prosperidades, risos e oiro elle tem tido desde o começo do seu reinado . . . . . »

« Olhem, ao mesmo tempo que o rei parte, parte tambem esta diligencia. Os sulcos que ella deixa nas estradas são de oiro, foi preciso a paz e milhões para a abrir... Dentro d'alguns dias o pacifico governo d'estes mensageiros já não existirá... O rei de França leva comsigo o credito, elle, pobre!... N'aquelle navio acompanham-o as artes em luto.

« São esses thronos baratos, esses reis a tres vintens, que poderão se-

mear o oiro que faz desabrochar as obras primas? São quinhentos burgoezes, sentados em banquetas e philosophando sobre a plantação dos loureiros; são estes boticarios, preoccupados em realizar a civilisação dos castores; são estes philanthropos que se contentam em fazer comer aos outros sôpas economicas que decretarão o dinheiro necessario ás exposições, aos museus, ás pacientes e por tanto tempo infructuosas experiencias, ás lentas conquistas do pensamento ou ás subitas lucilações do genio? Haverá todavia uma arte na qual se farão grandes progressos: a arte do suicidio . . . . . »

« Ah! este leal velho levame a minha tranquillidade, a minha doce liberdade. A patria, representada por ladrões ou por transfugas, por quaesquer regicidas ou por insignificantes, transformar-se-ha n'um salvo-conducto; e eu, para ir passear, terei de munirme d'um salvo-conducto; se fôr á minha terra, tres mercieiros hão-de querer provar-me a sua força, e, n'um tribunal improvisado, condemnar-me-hão á prisão na mais livre das patrias. A liberdade nas leis é a tyrannia nos costumes, como o despotismo nas leis garante a liberdade nos costumes... »

« Eis o paradoxo que a partida do rei tornará verdade. Quando aquelle velho e aquelle creança puzerem o pé n'aquelle navio, o povo será soberano,—o povo que não sabe lêr! vinte milhões de seres a quem a realza divina dava pão, amanhã não o terão, e, depois, a sua soberania traduzir-se-ha por esta terrivel phrase: « *Abaixo os impostos! e venha oiro!* » E a classe intermediaria, traduzindo essa soberania popular, pronunciará palavras, ainda mais fataes: « *Abaixo a superioridade social! abaixo os nobres! abaixo os privilegios!* »

« E immediatamente nem mais luxo, nem mais gloria, nem mais obras!... Em resumo, elles demolirão os monumentos sem poder pronunciar a palavra real que os construiu. Este combate da mediocridade contra a riqueza, da pobreza contra a mediocridade, só terá por chefes gente mediocre, e a incapacidade transbordará de cima abaixo n'este paiz, tão rico n'este momento. Teremos de pagar caro a aprendizagem dos nossos novos soberanos, dos nossos novos legisladores, porque elles hão-de ter de tudo menos força. Tambem dentro de poucos mezes, essas mães que vieram com creanças ao cóllo assistir á queda d'aquella creança, e saber como se supporta a desgraça n'aquella idade, todas ellas tremerão de rever a Convenção, no dia em que, derrubada a soberania hereditaria, só houver uma coisa, de que ninguem duvidará: a miseria.

« Tudo isso será o custo da passagem d'aquella familia, a bordo d'aquelle navio. Trez vezes cahido, este ramo mais velho tres vezes arruinará a França. De quem é a culpa? da França ou dos Bourbons? Não sei; mas, quando elles voltaram, trouxeram o ramo da paz, a prosperidade da paz, e salvaram a França já retalhada. Se pagaram as dividas do exilio, pagaram tambem as dividas do Imperio e da Republica. Fizeram derramar tão pouco sangue, que hoje, esses tyrannos pacificos vão-se embora sem terem sido defendidos, porque os seus amigos nem os sabiam atacados.

« Dentro d'alguns mezes, aprendereis que, mesmo desprezando os reis, devemos morrer no limiar dos seus paços, protegendo-os, porque um rei somos nós mesmos; um rei é a patria encarnada; um rei hereditario é o sêllo da propriedade, o contracto vivo que liga entre si todos aquelles

que possuem contra os que não possuem. Um rei é a chave da abobada social; um rei, verdadeiramente rei, é a força, o principio, o pensamento do Estado, e os reis são condições essenciaes á vida d'esta velha Europa, que só pôde manter a sua supremacia no mundo pelo luxo, pelas artes e pelo pensamento. Tudo isso só vive, só nasce e só prospéra sob um immenso poder.

« Um dia virá que, secretamente ou publicamente, a metade dos Francezes lamentará a partida d'este velho e d'esta creança, e dirá: « *Se tivéssemos de fazer outra vez a revolução de 1830, não a faríamos!* » A singular paragem feita pelos heroes dos tres dias toda uma historia inteira, breve como uma phrase de Tacito, e essa phrase dará os seus fructos; porque as restaurações ou revoluções não são mais do que a execução dos pensamentos secretos d'um povo, e a explosão dos interesses, todos tendentes ao mesmo nivel — a paz e a tranquillidade publica. Podemos repetir em nome da França, a phrase pronunciada no enterro de Paulo I, e os que conhecem a nossa historia de ha quarenta annos para cá, não hesitarão em a repetir:

— « *Os que enterram a monarchia são os mesmos que hão-de enterrar os usurpadores e pataqueiros da corôa e do poder.* »

« Napoleão morreu, como os pharaós da Escriptura, no meio d'um mar de sangue, de soldados, de carretas despedaçadas, e na vasta mortalha d'uma planicie de fumo; deixou a França mais pequena do que os Bourbons a tinham feito; estes cahiram derramando apenas o sangue dos seus, apenas manchados do sangue d'aquelles que tinham pegado em armas para a defeza d'um contracto e que, na victoria, o esqueceram.

« Pois bem! estes soberanos bani-

dos deixam a França engrandecida e florescente! Os sub-locatarios que tomaram de empreitada a felicidade do povo, aprenderão á sua custa a significação da palavra *catholicismo*, tanta vez atirada, como uma censura, á face d'este velho que nós deportamos; e, se, por acaso, governam uma nação que raciocina, eu perdoar-lhes-hei o exilio e a miseria d'estes principes.

« A Providencia os vingará!

« Olhae além aquelle forte; já teve o nome do homem que vae a entrar para o navio, e agora chrisamaram-o com outro nome, e a bandeira tricolor substitue a bandeira branca. Posto isto, se não tendes lido sem emoção, em Walter Scott, as saudades da velha Merillies expulsa da sua aldeia, ainda recusareis uma lagrima áquelle que perdeu a corôa de França, e que, pela terceira vez, parte para o exilio, trahido pelos seus?

« Eis alguma coisa de mais horrivel de contemplar do que o desterro do rei — o spectaculo de uma creança que foi repellida.

« Comprehendeis agora tudo o que ha de grande, de desgraçado, de terrivel, de bravo, de poetico, de sublime, de desesperador, de sombrio, de glorioso, de nacional, de generoso, de sinistro, de religioso, de interessante, de ruinoso, na partida d'estas pessoas reaes? » . . . . .

Balsac condensou, n'estas paginas immortaes, toda a ruina d'uma nação que inconscientemente se despoja da garantia da sua riqueza: um rei.

Balsac resumiu, n'este trecho onde ha a elevação do philosopho e a vibração do sentimento pátrio, todo o soffrimento, todo o êrro, todo o crime, toda a illusão, todo o peccado, todo o desconcerto, toda a desgraça, toda a miseria, todo o parenthesis de tyrannia, toda a revôlta vasa social que

são essas tentativas de suicidio nacional.

Mas essa pagina está hoje incompleta, atrazada. Balsac referiu-a ao seculo XIX; a republica portugueza veio um seculo depois. Se escrevesse hoje e quizesse resumir n'ella, como então quiz, o que são as democracias, Balsac teria de a completar, evocando, com mais este exemplo, a vida d'um povo sob a democracia; e teria de dizer mais:

Dentro de mezes, tereis as Penitenciarias cheias de presos politicos, de homens que commetteram a virtude, hoje reputada crime, de ser leaes, de ser valentes, de se não vender, de se sacrificar, de ter uma ideia ou um sentimento, e de lutar por elle. Os que trahiram, os que se venderam ou os que assaltaram serão os carcereiros; povoarão os carcereiros os que commetterem o bello delicto de ter honra!

Dentro de mezes, vereis homens herculeos, dormindo de revolver á cabeceira a fugir para baixo da cama á menor arranhadella d'um rato no tabique, e vereis mulheres velar, sair, apparecer, falar, actuar.

Dentro de mezes, heis de ver os homens tremer e matar, fugir e entre-perseguir-se, denunciarem-se e espiarem-se, comprometter a palavra uma, duas, mil vezes, e faltar a ella, blasphemar e rezar, dar um passo por Deus e outro pelo demónio, andar de braço dado com uns e amar os outros, serem temidos e terem mêdo, mortos por que alguém os livre do mêdo da morte com que os outros os ameacem, e os outros com mêdo d'elles, um paiz dominado de terror aos pés d'um homem, e um homem aterrado perante um paiz inteiro, o spectaculo macabro de dois homens que correm um apoz outro, um a pedir auxilio ao que vae na frente, o de deante a fugir

com medo ao que vem na recta-guarda!

Dentro de mezes, vereis os que deportaram o rei bebendo a amargura e o proprio terror nas taças da familia real, e vereis os grandes, os nobres tornados voluntariamente povo, e o povo, nobilitado pelos sacrificios, engrandecer-se até tomar fóros de nobreza.

Heis-de vêr também como é triste o Natal, d'antes immenso ramo de oliveira que servia de pallio a toda a grande familia que é a Patria, hora reconciliadora, halo de luz que juntava presentes e auzentes, e que passará a ser a evidencia da desunião dos dois agrupamentos deseguaes em que se scindiu o grande tronco familiar: um, reduzido, o dos vencedores, o outro, immenso, o dos vencidos.

Vereis, então, que não haverá mais noite de Natal, no lar portuguez, porque não haverá mais possibilidade de juntar, sob o castanho do mesmo tecto, a grande familia — a Patria!

Vereis os que trahiram rodeados de luzes e ser cégos; e os que mantiveram a fé dos contractos, cercados de trevas, e vendo claro no futuro.

Vereis a meza posta dos traidores, farta, os copos, por onde se bebeu outr'óra o vinho quente, cheios de sangue, e os proprios terem medo de tocar nas eguarias de que já não distinguem as envenenadas das não envenenadas, e vel-os-heis a pedir a quem passa que vá consoar com elles para provar primeiro dos seus pratos.

Vereis que o Natal dos Vencedores é o desassocêgo, o *quem viva* dos usurpadores e dos tyrannos, o *quem vem lá?* dos oppressores, e que o Natal dos Vencidos será a grata commoção dos que sabem que, mesmo entre ferros do cruel e condemnado regimen penitenciario, mesmo constangidos á immobilidade e ao isola-

mento —, estarão sempre acompanhados, e a caminhar para o suprêmo triumpho só dado ás consciencias e ás idéas.

Vereis como as células dos encarcerados resplandecerão de luz, illuminadas pela alma da Patria, mas as quadras populares já não entoarão as loas da natividade, antes cantarão o gemido dos que cá fóra, longe ou perto, chamem por um marido, um filho ou pae ou um amigo que lhes ficasse nas mãos da Revolução, e á mercê das demencias da democracia.

Vereis que os vossos presos serão obrigados a contentar-se com essa luz, e não poderão accender o facho da fé deante dos carcereiros.

E reconheceréis, então, que quanto mais modernas são as democracias, mais cruelmente velhas ellas são, porque todas as democracias que vieram, e vierem depois, parecer-se-hão com a da grande revolução franceza, e tudo será como sob a Convenção.

A Convenção foi a mistura sinistra de todas as infames cobardias e de todas as bellezas da coragem, tal qual n'uma ribeira, engrossada pela cheia, se vê sempre a espuma clara da agua, ferida pelos picos das rochas, e o revoltear do lôdo que a correnteza arrasta.

« Quando <sup>1</sup> o Terror paralytava todos os poderes humanos, havia uma coragem invencivel, a que Deus faz descer aos corações: a caridade conseguira penetrar nos « segredos » das prisões; a virtude e o sentimento do dever transpunham todos os obstaculos para valer á desgraca; a religião perseguida, proscrita, conservava os seus padres, os seus altares, e, apesar de toda a vigilancia dos esbirros da mais negra das tyrannias, bem perto d'esse

<sup>1</sup> *Mémoires et Souvenirs du Baron Hyde de Neuville* — 1.º vol. pag. 88 e 89.

*tribunal revolucionario, que só pronunciava sentenças de morte, todos os dias, quasi a todas as horas, fervorosas orações pelas suas victimas ascendiam aos céos...*

*« Uma mulher, tão piedosa como corajosa, tinha n'esse palacio <sup>1</sup> de iniquidade, mesmo por cima do logar onde se realisavam as sessões, um oratorio onde almas santas iam implorar a misericordia divina. Esse segredo, tão perigoso, foi inviolavelmente guardado. Ah! quantas mulheres, de todas as classes, foram grandes, corajosas, admiraveis, n'esses dias de duras provas! »*

Para que todas as democracias sejam sempre irmãs gêmeas nos seus gêmeos aspectos, a nenhuma faltará a guerra á Cruz, e portanto a nenhuma faltará a meiga, respeitavel figura da Mulher, a tornar-se mais heroica que os heroes.

Na mais recente das democracias, a Cruz foi como em todas perseguida, e a Mulher, nobre ou obscura, foi como em todas sempre grande, sempre corajosa, invencivel. Querem saber? Ahi em Portugal, uma pobre mulher do campo, que tinha o filho alistado na Galliza, escrevia-lhe de-

pois da primeira Incursão, dizendo que lá o esperara, mas que já que Deus não quizera que fôsse ainda d'aquella feita, então ella fôra-se ao seu cordão d'ouro vendêra-o, e alli lhe remettia o valor d'elle para o seu filho dar ao « nosso Rei », afim d'Elle comprar muitas armas e irem depressa aonde a ella.

Uma mulher d'estes bastava para estarem tiradas as inquirições á Mulher Portugueza. Mas ha, como esta, centenas, milhares. E' cêdo para se saber o papel elevadissimo da Mulher Portugueza n'este angustioso periodo. Mas uma ha de quem pôde e deve fallar-se, e escrever-se. Pela segunda vez, em ferros da republica, essa senhora portugueza é uma gloria da alma da raça.

Eis porque empregamos estas paginas em lhe descrever a vida que é mais do que uma vida bem empregada, é a vida d'uma christã.

Ella preside, em espirito, ao Natal dos Vencidos. Pensar n'essa Senhora, n'esta melancólica hora — outr'óra tão alegre e aconchegada —, é assistir tambem em espirito ao Natal dos Vencidos, molhar os labios na mesma fria taça da amargura, enxugar os ossos ao lume da mesma fé no futuro da raça e da Patria...

<sup>1</sup> O palacio onde funcionava a Convenção que votou o assassinato de Luiz XVI.

# A VIDA D'UMA CHRISTÃ

## ENTREVISTA

COM A

### Senhora Marqueza de Rio-Maior

Desde que comecei a notar estas mal traçadas linhas, que entrei a bater a quanta porta eu sabia que abriria uma alma boa, e pedir a assignatura autographa d'esta senhora. Primeiro e segundo impossivel, até que acertei com quem pôde dar-me uma tira de papel branco onde se lia apenas : *Julia Maria*.

Assim modesta, e breve como um versiculo, sem floreadas firmas nem extensos appellidos, esse autographo que assigna o retrato da Senhora D. Julia Maria de Brito e Cunha é o que melhor vae á sua discreta modestia.

Esta vida, que aqui resumimos, e que bem cabia n'um piedoso supplemento do *Flos Sanctorum*, não a descreveria nunca a propria biographada.

Eis porque mais uma vez pedimos á Senhora Marqueza de Rio-Maior a honra de uma entrevista, vindo servidos como de ao pé da bondosa Senhora sempre veem os que pedem. Comprehende-se, pois, porque em vez do retrato da illustre entrevistada, este numero é illustrado com uma antiga photographia da Senhora D. Julia Maria de Brito e Cunha : por ser d'ella que se trata.

Mas quem falla é a Senhora Marqueza de Rio-Maior, que junta, a todas as suas virtudes, a de tentar apagar a suafigura, pondo-nos deante

dos olhos outras figuras de mulheres christãs, como esta cuja vida ella sabe de cór, nem fôra a de uma Santa da sua devoção :

**Uma infancia applicada aos infelizes.**

— D. Julia Maria de Brito e Cunha nasceu no Porto, a 22 de agosto de de 1860. E' filha de D. Guilhermina Julia da Silva e Brito, e de Antonio Bernardo Brito e Cunha, um perfeito *gentleman*, cuja distincção disse sempre bem da educação que recebeu em Inglaterra, e que no cargo de director da alfandega do Porto, sempre e largos annos disse bem da sua honradez. Eram cinco filhos : quatro rapazes e uma menina, D. Julia, naturalmente o « ai Jesus » dos paes. Desde creança mostrou sempre D. Julia de Brito e Cunha grandes extremos pelos paes, e uma grande inclinação pelos infelizes.

Os folguêdos da sua meninice fôram desde cêdo deveres que a sua abnegada indole procurava : ajudava a mãe a ensinar e tratar dos irmãos, e as horas vagas empregava-as em pequenos trabalhos de mão, bordados, flores, cartonagens que mandava vender para, com o producto, adquirir fazenda de que ella propria

fazia roupa para as creanças pobres. Só d'uma vez, fez e deu 30 vestidos da Primeira Communhão, a meninas da sua freguezia.

Estivesse ella na espaçosa e bonita viver da da rua de Cedofeita, quer na praia da Granja, pelos verões, quer ainda na quinta da Rêde, propriedade da mãe, os pobres que assistissem em redor da sua casa logo davam pela presença d'aquelle anjo da guarda. Aos vinte annos, uma doença gravissima que lhe tolheu completamente os movimentos, impediu, durante vinte e quatro mezes, que aquellas desinteressadas mãos tecessem as grinaldas da Rainha Santa.

**Encetando a via dolorosa  
— Pungente episodio.**

A Senhora Marqueza de Rio-Maior dirige os seus olhos ao céu, não a recriminar do soffrimento mas para as graças da devolvida saude:

— Seguiu para o estrangeiro, e ao cabo de dois alanceados annos conseguiu curar-se. Foi uma doença e uma cura a que se referiram largamente varias personalidades, entre ellas o sr. Conde de Samodães, n'um seu livro de viagens. Regressada a Portugal, começou para D. Julia a sua via dolorosa. Morreu-lhe o pae. E sobre esse golpe, outro, dramatico, horrivelmente pungente: o irmão mais velho, Alberto de Brito e Cunha, casado ao tempo, e com tres filhos, era um distincto official de artilharia.

— Morreu?

— Não! Mas foi um desastre horroroso! Ouça (*E compungida, contou:*) Esse distincto official d'artilharia tinha uma predilecção especial pelo estudo de chimica. Um dia, estando a trabalhar no seu laboratorio, em investigações scientificas de explosivos, para artilharia, foi victima de

um accidente que lhe atacou o rosto e os olhos. Levado para o hospital de S. José, esteve bastantes mezes entre a vida e a morte. A familia, prevenida, correu para Lisboa.

**Dedicação de irmã.**

Uma grande sombra de tristeza escureceu os olhos da Senhora Marqueza de Rio-Maior:

— Imagine o desgosto profundissimo que todos soffreram quando tiveram o cruel desengano de que elle estava completamente cêgo. Aquelle rapaz, que quizera penetrar mysterios da sciencia, alli estava agora sem poder vêr os filhos! Todo o dedicado coração de irmã trasbordava de magua; prometeu-lhe ajudal-o em tudo. Dar-lhe-ia os seus olhos se fôsse possível. E d'ahi por deante ella tornou-se os olhos do seu querido cêguinho. Para o poder auxiliar na administração da sua fabrica de productos chimicos, tomou licções de contabilidade; e dentro em pouco era um consciencioso e perito guarda-livros. Entretanto, D. Julia de Brito e Cunha mantinha aturada correspondencia com os principaes centros da Europa, onde se estudavam os assumptos relativos a cêgos, no intuito de conseguir, por todos os meios, occupar a actividade do irmão, e suavisar-lhe a situação. Pensou o irmão em visitar uma exposição, realisada em Inglaterra, para estudar machinismos appropriados á sua fabrica. Partiu D. Julia com o irmão, visitaram Londres, Liverpool, Manchester, e aquella admiravel, corajosa rapariga, levou o seu irmão pelo braço a toda a parte onde a ancía de luz chamava aquelle cerebro! Esse espectáculo d'um cêgo que não se dava por invalido, e continuava a querer seguir o facho luminoso da sciencia, apesar das suas pupillas serem dois buracos

onde para sempre se apagára toda a luz, esse quadro do irmão cego, levado pelo braço da irmã inexperiente, o irmão cego guiando a irmã pelas vérdas da sciencia...

— Lembra aquella esculptura que está no Museu do Luxemburgo: *O cego conduzindo o paralytico*.

— Pois tão impressionante, tão grande era esse quadro dos dois irmãos, que em toda a parte lhe foi concedida a necessaria auctorisação para elle poder tactear as machinas expostas, e formar uma ideia perfeita d'ellas.

**A Senhora Duqueza de Palmella funda as Cosinhas Economicas, sendo suas principaes collaboradoras a Sr.<sup>a</sup> Marqueza de Rio-Maior e a Sr.<sup>a</sup> D. Julia de Brito e Cunha.**

— Que linda tristeza!

— Para poder distrahir o irmão, jogando com elle, aprendeu o xadrez que o irmão muito apreciava. A sua vida era uma continua abnegação pelo irmão. Prometteu-lhe os olhos, emprestou-lh'os e chegou a recear-se que lh'os desse de todo: porque passando annos e annos da sua vida, curvada sobre os livros de escripturação, a sua vista ressentiu-se, e tanto, que os especialistas receavam, com fundados motivos, que viesse tambem a perdê-la. Redobrou a força dos vidros dos oculos, mas nunca parou nos seus trabalhos. A sua dedicação de irmã não a inutilisou, porém, para as sublimes dedicações pela infelicidade anonyma. Quando ha vinte annos, a Sr.<sup>a</sup> Duqueza de Palmella, pensou na fundação da Sociedade das Cosinhas Economicas de Lisboa, convidou para a ajudarem n'este empreendimento esta sua creada, e D. Julia de Brito e Cunha. De longa data se conhe-

ciam as familias Palmella e Brito e Cunha. Antonio Bernardo de Brito e Cunha avô de D. Julia era muito amigo do primeiro Duque de Palmella, e pagou com a vida a sua dedicação á causa liberal, sendo justificado na Praça Nova do Porto em 7 de Maio de 1829.

A pedido da Senhora Duqueza, D. Julia mandou, pois, construir, em terreno proprio, a primeira Cosinha Economica, installando-a com o material necessario, pelo que a Senhora Duqueza lhe tributou sempre os mais vivos agradecimentos. Durante 17 annos foi D. Julia sollicita directora thesoureira, organisando a escripta, e nos primeiros annos ensinando as Irmãs e mais pessoal, o que tudo lhe deu muitas fadigas e muitos desgostos, pelo penoso trabalho de fiscalisação dos guichets, com a contagem de senhas e do dinheiro em cobre.

Todos os seus collegas da Direcção reconheciam os seus muitos serviços e a Senhora Duqueza de Palmella nunca se cançava de affirmar que, a sua idéa não teria execução pratica, se não fôsse tão valioso auxiliar.

Perdida outra vez a saude e receando que sua mãe tivesse grande emoção e soffresse profundo abalo com a doença da filha, preferiu esta recolher a uma casa de saude, sem que ninguem soubesse antecipadamente d'esta resolução. Alli lhe foi feita uma grave e prolongada operação aos rins, sendo digno de notar-se o modo como antes de a fazer pôz tudo em ordem, prevendo todas as eventualidades, e não consentindo que ninguem dos seus tivesse conhecimento da operação, senão depois de terminada, pois não queria fazel-os soffrer as angustias da incerteza do resultado. Felizmente, e depois de uma prolongada convalescença, conseguiu melhorar.

**A Agencia Catholica—Os  
assaltos da demagogia,  
apóz o cinco de outubro.**

— E continuou a trabalhar ?

— Mais do que nunca. Foi depois d'isso que resolveu dedicar-se á vida commercial, montando um escriptorio de commissões e abrindo um estabelecimento, para venda de artigos religiosos e de flores artificiaes, na rua da Prata, 68 e rua dos Retrozeiros, 46 a 50, a que deu o nome de Agencia Catholica. Por occasião dos acontecimentos de outubro de 1910, muitos diziam a D. Julia de Brito e Cunha que era arriscado para a sua segurança pessoal ter no estabelecimento uma grande taboleta com aquelle nome de Agencia Catholica, e que seria preferivel fazer um accordo, por meio do qual pudesse abrigar-se com uma firma ingleza. Tanta repugnancia causou esta idéa ao seu sentimento patriótico, que pediu lhe não fallassem mais em tal, pois antes queria sujeitar-se a quaesquer consequencias. De facto, dias depois da proclamação da Republica, foi a sua casa assaltada por duas vézes. Da primeira, entraram de dia uns nove homens, á procura de padres, segundo diziam, e só se retiraram depois de dar busca a todo o escriptorio e estabelecimento, arrombando portas e quebrando vidros, pois só se encontrava alli n'essa occasião a creada de D. Julia.

**Uma visão.**

— Mas foi assaltada mais do que essa vez a Agencia Catholica, não foi ?

— Foi, e com mais ruido que d'esta primeira. Da segunda vez, o assalto foi de noite, durando a busca umas quatro horas, tendo entrado em casa, cerca de cincoenta homens armados

de espingardas e revolvers, ainda em busca de padres, e estando as duas ruas completamente apinhadas de povo que fazia grande vozearia. D. Julia de Brito e Cunha não oppôz resistencia e, estando só com a sua creada, mandou accender todas as luzes e abrir todas as portas, acompanhando-os na busca, com a maior serenidade. Ao descobrirem que a casa tinha um subterraneo, foi grande a gritaria produzida, julgando ir alli encontrar escondidos os padres que procuravam. Foi esse o momento perigoso pelo risco de incendio, pois que n'esse subterraneo apenas havia caixotes vazios e palha de embalagem. A vozearia da multidão na rua, augmentando cada vez mais, tornava-se devéras ameaçadora. Não se percebia qual fôsse a causa de tanta exaltação. Subiu depois um official, e disse a D. Julia que não podia responsabilisar-se pela vida d'ella, porquanto de uma das janellas se estavam fazendo signaes para a rua. Entrando este official n'esta occasião, e estando ainda tanto o primeiro andar como as lojas cheios dos marinheiros assaltantes, verificou-se que depois de accesas as luzes se projectava nos vidros fôscos da referida janella a sombra de um grande crucifixo, vendo o povo, na sua imaginação, o movimento dos braços do Santo Christo. Foi o proprio official que, suspeitando ser esta a causa da inquietação popular, removeu por suas mãos o Crucifixo para outro lugar, serenando então a vozearia. Prevenido o Quartel General do que alli se estava passando, compareceu um esquadrão de cavallaria e veio tambem a toda a pressa, n'um automovel, o sr. Antonio José d'Almeida que, depois de tomar conhecimento de tudo quanto se passára, discursou ao povo assegurando que não havia padres escondidos, e convencendo os assaltan-

tes a retirar-se, o que não custou pouco.

**Durante a perseguição religiosa de outubro a sr.<sup>a</sup> D. Julia Brito e Cunha vae ao Arsenal, consolar e proteger as religiosas, estendendo a sua trabalhosa e arriscada missão ás cadeias e aos fortes.**

— Isso não impediu que a sr.<sup>a</sup> D. Julia de Brito e Cunha n'esses dias de outubro, corresse para junto de todos aquelles que ella sabia estarem sendo perseguidos pela sua qualidade de religiosos.

— Pois já se sabe que não!... Por occasião da extincção das Congregações Religiosas, fôram mandadas para a Sala do Risco do Arsenal da Marinha todas as Irmãs das diferentes casas portuguezas, que existiam em Lisboa; e, daria logar a uma interessante obra, a narração do que fôram aquelles dolorosos dias. D. Julia de Brito e Cunha foi alli vêr as Irmãs Hospitaleiras, antigas empregadas das Cosinhas Economicas, para saber do que precisavam e arranjar-lhes fato e recursos monetarios, para se fazerem transportar para as suas terras. O espectáculo que se offereceu aos seus olhos, vendo cerca de tresentas Irmãs, quasi todas suas conhecidas, umas deitadas em enxergas, outras sentadas em bancos de pau, e todas fortemente impressionadas, pela expulsão que não esperavam, fez com que D. Julia se devotasse completamente a todas ellas, emquanto alli estiveram, procurando suavisar a sua situação, fornecendo comida ás que não podiam comer o rancho, remedios a algumas doentes, e acompanhando-as depois até ao embarque. Houve muitos dias em que teve de ir alli umas doze vezes.

Acabada esta penosa lida, começou logo outra, qual foi a de, em constantes romarias, percorrer as cadeias e os fortes aonde estavam presas outras victimas perseguidas por aquelle vento de demagogia e anti-religião. Entre essas victimas contava-se um sobrinho querido de D. Julia que, pelo seu estudo e virtudes, é naturalmente o orgulho da familia. Havia muitas pessoas que desejavam socorrer essas victimas com o fato necessario, em virtude da prohibição de usarem os seus habitos talares, mas grande era o medo que tinham de o fazer directamente, e por isso tudo mandavam para a Agencia Catholica, pela certeza que tinham de que tudo chegaria ao seu destino. Todos os dias D. Julia de Brito e Cunha caminhava para as prisões, levando com os volumes de roupas e alimentos, as palavras de conforto de que tanto careciam aquelles prisioneiros. Intimada a expatriação, e não tendo os expulsos recursos para as passagens, foi necessario recorrer a esmolos, sendo incansavel n'estas diligencias D. Julia de Brito e Cunha e bem assim outras dedicadas Senhoras. Pôde calcular quantos esforços e quantas canceiras teria custado esta labuta de tantos dias, e como a cada hora surgiam difficuldades e obstaculos, sendo necessario que, para a remoção d'elles, D. Julia se dirigisse uma e muitas vezes, em cada dia, ao Ministério da Justiça a reclamar.

**Duzentas asyladas sem abrigo — As senhoras portuguezas tentam reconstruir o que o temporal revolucionario devastára.**

A Senhora Marqueza de Rio-Maior quêda-se um instante na contemplação d'este trecho da vida da sr.<sup>a</sup> D. Ju-

lia de Brito e Cunha, mas como quem se recorda do muito que ainda estava por contar, apressa-se:

— Tendo sido expulsas as benemeritas Irmãs do Bom Pastor e fechada a sua casa da Rua da Bella Vista á Graça, ficaram sem abrigo mais de duzentas raparigas asyladas, indo umas para casa de suas familias, outras pediram albergue a pessoas conhecidas, e outras ainda fôram parar á cadeia do Aljube por não terem onde se recolher. Uma d'ellas, animada dos melhores desejos, e em cumprimento das recommendações que recebera das Irmãs á despedida, tomou uma modestissima casa ás Monicas, e alli foi reunindo algumas das antigas companheiras, dedicando-se todas aos trabalhos de bordados, em que eram eximias, para assim alcançarem os meios de subsistencia. Em seu auxilio vieram logo as Senhoras D. Maria Ignacia de Sousa Botelho de Brederode, D. Maria de Mello — Ficalho —, D. Victoria d'Oliveira Martins e outras Senhoras que amiudadas vezes as visitavam, animando-as no seu louvavel esforço, e dando-lhes subsidios para renda de casa, etc. Tratando-se de uma boa obra caritativa não tardou que D. Julia de Brito e Cunha fôsse convidada e se juntasse a estas Senhoras, frequentando tambem aquella util casa de trabalho. Havia uma Associação muito antiga, denominada de Santa Maria Magdalenha, cujo fim era manter casas de abrigo para raparigas, a qual tendo em tempo disposto, para esse fim, do antigo Convento do Grillo, subsidiava ultimamente as suas protegidas no Bom Pastor. Em principios de 1911 foi nomeada presidente d'essa Associação D. Julia de Brito e Cunha, fazendo tambem parte da Direcção a sua sympáthica e talentosa prima D. Maria Emilia Brandão Pereira Palha e outras benemeritas Senhoras. Em-

bora esta Associação tivesse os seus Estatutos approvados e pudesse funcionar legalmente, estavam no estrangeiro e na provincia quasi todas as suas socias, e foi penoso o trabalho da reconstituição da Sociedade, o que representou dispendio de muita tenacidade e energia, para poder conseguir os recursos indispensaveis aos fins sociaes. Ao mesmo tempo, empregou D. Julia toda a sua actividade, fazendo os maiores sacrificios para instalar uma casa d'aquella Associação, aonde recolheu as antigas educandas do Bom Pastor que estavam na casa das Monicas, e bem assim muitas outras que vieram do Aljube e que, a seu pedido, lhe fôram entregues pelo Ministerio da Justiça. Montada assim esta casa da Associação na Rua do Jardim do Tabaco, não lhe regatearam louvores as Auctoridades da Republica, pela ordem, aceio, dedicação ao trabalho que se observava nas quarenta e tantas albergadas, que alli havia, e de onde já casaram cinco. Sensibilisa vêr o carinho com que D. Julia véla pelo bem estar de todas aquellas raparigas, do mesmo modo que encanta o respeito, a amizade e a veneração que ellas teem pela sua desvelada protectora.

**A organização d'um serviço de saúde — Historia da primeira prisão da Sr.<sup>a</sup> D. Julia de Brito e Cunha.**

— E os serviços de saúde como e quando fôram organizados?

— Já lhe conto. Em principios de 1912, tendo havido alteração d'ordem publica em Lisboa, por effeito das grêves, e receando-se que esses factos se repetissem e se agravassem, por outros motivos, pensou D. Julia de Brito e Cunha na installação de um posto de soccorros a feridos, e n'esse sentido começou a

reunir o material necessario, no seu escriptorio da rua dos Retrozeiros, sem que d'isso fizesse sombra de mysterio.

Chegou-lhe aos ouvidos que, sendo a sua casa frequentada por pessoas catholicas e de opiniões monarchicas, brevemente seria assaltada. De nada tinha a recear e pouca ou nenhuma importancia deu a estas informações.

**A busca, e a prisão—Tendo-se encontrado n'este mundo a praticar o bem, era natural que viessem a encontrar-se em ferros da Republica as Sr.<sup>as</sup> D. Julia de Brito e Cunha e D. Constança Telles da Gama — A vida da prisão — Flôres e lagrimas.**

—Mas os factos confirmaram os receios das pessoas amigas.

—E sem tardança.

O fallecimento de um tio de D. Julia, que muito a estimava, o Barão de Fornellos, deu logar a que todas as pessoas das suas relações, a procurassem, para testemunhar o seu sentimento pelo grande desgosto de familia; e sendo ignorada a causa d'esta corrente de pessoas de todas as classes, produziu isso um certo alarme de que resultou no dia 19 de Agosto ás 9 horas da manhã, a entrada em sua casa das auctoridades militares e judiciaes. Depois de uma busca minuciosa, que durou até ás 8 horas da noite, fôrão-lhe apprehendidos muitos documentos commerciaes, papeis de familia, artigos do seu commercio e o material destinado ao posto de soccorros, assistindo a tudo D. Julia com a maior tranquillidade, embora ainda convalescente de uma grave doença, indo em seguida ao quartel general com as referidas

auctoridades e d'alli para a cadeia do Aljube, onde ficou presa e incommunicavel nos primeiros oito dias. Dias depois prenderam tambem um empregado, e a sua creada Philomena, que se mostrava radiante de recolher ao Aljube, por poder estar *ao pé da sua senhora* como ella dizia. Estava já n'aquella cadeia uma outra presa politica, D. Constança Telles da Gama (Cascaes), e, comquanto cada uma tivesse o seu quarto, podiam vêr-se e estar juntas.

Pelo espirito superior de ambas, continuaram alli a sua batalha em favor da caridade, auxiliando-se mutuamente. As pessoas de familia iam vel-as todos os dias, durante duas horas, e saiam sempre bem impressionadas pela boa disposição de espirito em que as encontravam. Aos domingos, em que as presas podiam receber toda a gente, sensibilisava devéras vêr a grande quantidade de pessoas de todas as gerarchias, que procuravam aquellas duas Senhoras, não lhes faltando nunca flores nos seus quartos, tanta era a profusão das ofertas dos pobres que as iam visitar. Era tocante assistir a estas visitas, em que os visitantes se apresentavam compungidos, enquanto que as Senhoras presas se mostravam sorridentes e satisfeitas. Tiveram comtudo alguns momentos bem amargos, com a morte de parentes e pessoas amigas, sentindo bem n'essas occasiões o pezo dos ferros da prisão, por não estarem a acompanhar as pessoas que estimavam.

**A morte de Sabino da Costa — O Natal dos Vencidos — Um presepio no Aljube.**

—Ah! é o maior tormento das prisões e dos exilios: ter pessoas

queridas enfermas e não poder correr para ellas! E' horrivel!

— Soffreram tambem um grande desgosto com a morte do preso politico Sabino da Costa, o bondoso velho, que muito amigo era d'estas Senhoras e que, depois de supportar todas as amarguras pela prisão d'um filho querido, elle proprio foi tambem preso. Justificada era a magua que produziu o desaparecimento d'este homem, pois foi um benemerito, pela dedicação que, antes de ser preso, dispensava a todos os presos politicos, e pelo muito que trabalhava para lhes minorar os soffrimentos. Pelo Natal, teve D. Julia no seu quarto um pequeno Presepio e uma Arvore cheia de presentes destinados ás suas protegidas do Bom Pastor, as quaes não deixaram de, em todos os domingos d'aquelles longos dez mezes, ir alli sempre vêr a sua dedicada beneficentora. A alegria com que a rodeavam mostrava bem a sinceridade d'aquellas manifestações, e revelava a gratidão que lhes ia na alma. D. Julia de Brito e Cunha compungia-se devéras pela sorte da população d'aquella cadeia, aonde ao lado das infelizes accusadas e condemnadas pelos crimes mais horrorosos, havia outras por insignificantes delictos, provocados quasi sempre pela falta de pão para os filhos, de que muitas presas estavam rodeadas. Mereciam estas creanças todos os cuidados de D. Julia e mandava dar-lhes roupas, leite e tudo o que podia.

**Baptisados, casamentos e enterros catholicos na cadeia — A sr.<sup>a</sup> D. Julia Brito e Cunha velando o cadaver d'uma desgraçada prêsa.**

— A caridade despedaça todas as algemas. Para a caridade não ha cadeias.

Sorriu de consolação, a Senhora Marqueza de Rio-Maior, e continuou:

— A pedido de muitas pobres promoveu, durante a sua estada no Aljube, bastantes baptisados e alguns casamentos. Proximo do quarto que occupava, estava a enfermaria e ás doentes dispensava tambem todas as atenções, dando remedios a umas, e distribuindo por outras do seu proprio jantar, quando as doentes não podiam comer o rancho ou a dieta da cadeia. Para uma doente velhinha que manifestára desejos de receber soccorros espirituaes, antes de fallecer, sollicitou e obteve do ministro da justiça a necessaria auctorisação para que o Rev. Prior da Sé alli fosse prestar esses soccorros. Fallecendo a presa, acompanhou-a sempre D. Julia, velando-lhe o cadaver durante duas noites e dois dias. Sendo retirado o pessoal na segunda noite, pediu e foi-lhe concedido ficar ella a velar, completamente só, pois repugnava aos seus sentimentos catholicos que o cadaver estivesse abandonado. Promoveu o enterro religioso da boa velhinha, e tão gratos se mostraram os filhos que, depois de acompanharem a mãe ao cemiterio, foram á Redacção de um jornal de Lisboa pedir que lhes publicasse o seu agradecimento, o que o mesmo jornal fez com palavras de merecido elogio.

**O julgamento da Sr.<sup>a</sup> D. Julia de Brito e Cunha no tribunal marcial — Um depoimento digno.**

Não tendo exgotado, mas considerando bastante este enternecedor rosario d'esta perfeita christã, a sr.<sup>a</sup> Marqueza de Rio-Maior passou a descrever o lindo capitulo do julgamento:

— Depois de oito mezes de prisão, sem culpa formada, foi D. Julia de

Brito e Cunha chamada ao tribunal marcial para ser interrogada e passados alguns dias do interrogatorio foi pronunciada, com o pretexto de tentar derrubar o regimen actual e implantar a Monarchia, sendo então postos em liberdade o seu empregado e a sua creada, que não foram a julgamento. Por essa occasião sahi da cadeia, depois de julgada e absolvida, D. Constança Telles da Gama (Cascaes) e assim ficou D. Julia sem aquella boa companheira, a quem foi vedada a licença de ir ao Aljube visitá-la.

Mez e meio depois, e, portanto, ao cabo de nove mezes e meio de prisão, chegou-lhe a vez de ser julgada, juntamente com mais seis co-reus. E' difficil de descrever o que foi esse longo julgamento que durou dois dias e duas noites, pois tendo começado no dia dois de Junho, foi interrompida a audencia ás duas horas da manhã do dia trez, para continuar nove horas depois, e terminar ás cinco horas da manhã do dia quatro. Entre as varias peças do processo lidas no tribunal, estava o seguinte e importante documento :

« Ex.<sup>mo</sup> sr. Presidente da Sociedade da Cruz Vermelha, Lisboa. Tendo estabelecido aqui um posto de soccorros medicos, com pessoal medico de enfermagem e serventes, devidamente abastecidos de medicamentos, venho pedir que este posto seja considerado como delegação da Sociedade da Cruz Vermelha, a que tenho a honra de pertencer desde 1894. Venho tambem pedir que me sejam enviadas com urgencia seis macas para conducção de feridos, bem como a bandeira da Sociedade e dezoito braçoes para o pessoal.

Escusado será acrescentar que este posto recebe, « indistinctamente », todos os feridos que forem trazi-

dos para aqui e serão tratados com a maior solicitude. — Lisboa... Local... de 1912 — (a) — Julia Maria de Brito e Cunha ».

Foi apprehendido este officio nos papeis de D. Julia, e por elle se vê que era seu intuito fazel-o expedir, logo que estabelecesse o posto de soccorros, sendo bem evidente pela redacção do mesmo officio, que a intenção era unicamente humanitaria, tratando feridos sem distincção de côr politica. Dos interrogatorios feitos durante a audencia a todos os réus, foi o de D. Julia o mais demorado, levando cerca de hora e meia. Causou profunda impressão tanto no tribunal, como nos advogados, como no publico, a fórma digna, correctá, firme e extraordinariamente lucida porque respondeu á longa série de perguntas, habilidosamente deduzidas pelo digno magistrado, a quem competia fazê-lo, sendo opinião geral que, por este importantissimo interrogatorio e alto valor das respostas, estava feita a sua defeza. Apesar da insistencia do juiz auditor em querer saber de D. Julia de Brito e Cunha quaes eram as pessoas com quem ella concertára a organisação do posto de soccorros, e bem assim, quaes os medicos e pessoal de enfermagem de que dispunha, e tentando por varias fórmas conhecer esses nomes, D. Julia affirmou persistentemente que desde que fôra presa declarára sempre que era seu proposito não pronunciar nome nenhum, pois assumia unicamente para si toda a responsabilidade, e mesmo porque tendo soffrido a prisão por uma obra que reputava apenas humanitaria, não queria que, por esse facto, mais ninguém soffresse. Não se calcula o effeito que produziu em todo o auditorio tão nobre e levantada resposta. Dos réus julgados por este processo

foi D. Julia o unico que não apresentou testemunhas de defeza porque, dizia ella, não queria incomodar as pessoas suas amigas.

Embora o julgamento se prolongasse até á madrugada do dia 4 de Junho, a sala conservou-se sempre cheia de senhoras e pessoas amigas dos reus, que depois de ser lida a sentença, que absolveu a todos, lhes fez as mais vivas demonstrações de sympathia, chegando a ser muito carinhosas para D. Julia de Brito e Cunha.

Aqui termina esta entrevista que abrange apenas a primeira prisão, porque quando entrevistamos a Senhora Marqueza de Rio-Maior ainda o outomno vinha longe.

A sr.<sup>a</sup> D. Julia de Brito e Cunha

está novamente prêsa, uma busca a que, incrivelmente, o presidente do ministerio, acompanhado de outros membros do governo, assistem, como quaesquer meirinhos encarrêgues de devassas, encontra os mesmos caixotes de medicamentos que a auctoridade restituira a esta senhora, depois de absolvida no tribunal marcial, provando-se que nem desencaixotados estavam.

Não sabemos ainda a odysseia de amovel caridade que a sr.<sup>a</sup> D. Julia Brito e Cunha não deixa de ter praticado na prisão d'esta segunda vez, e que deve estar sendo uma reedição da primeira.

Mas o que já sabemos e aqui contamos é o bastante para a alma ajoelhar deante da elevadissima vida d'esta perfeita christã.

*Paris, 24 e 25 Dez., 1913.*

